

# TCC NA EAD: PROCESSO DE LETRAMENTO ACADÊMICO E DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO SUPERIOR

Rio de Janeiro – R. J. – Abril 2015

Maria da Conceição Maggioni Poppe – AVM Faculdade Integrada [mpoppe@avm.edu.br](mailto:mpoppe@avm.edu.br)

**Experiência Inovadora**

**Educação Superior**

**Nível Micro – Ensino e Aprendizagem em EAD**

**Descrição de Projeto em Andamento**

## RESUMO

*O objetivo deste artigo é apresentar uma experiência de orientação de TCC, no qual os orientandos são confrontados com a necessidade de produzir um trabalho com o rigor acadêmico, muito embora tenham um histórico de limitações no fazer pesquisa e na produção textual. Soma-se a isso o fato de ser um curso superior na modalidade a distância, cuja orientação do trabalho se realiza por meio de sala de aula virtual. O papel do orientador, neste contexto, é fundamental para colaborar na preparação dos caminhos metodológicos e epistemológicos do fazer pesquisa, dominar a escrita acadêmica e produzir conhecimento. Experiência de êxito realizada pelo autor durante 3 anos em diferentes cursos superiores da mesma instituição, que necessitou de constante busca de soluções inovadoras. Neste relato destaca-se a construção relacional que se estabeleceu entre orientador e orientandos, provocando mudanças significativas no resultado da escrita e no reconhecimento da capacidade de fazer pesquisa. Deste modo um processo de produção de conhecimento foi consolidado, ainda que muitas dificuldades tenham sido enfrentadas no percurso.*

**Palavras-chave:** letramento acadêmico; orientação em pesquisa; ensino superior a distância.

Este artigo discute o papel da orientação no processo de produção do Trabalho de Conclusão de Curso no ensino superior na modalidade a distância. Destaca-se nesse processo tanto a produção do conhecimento, por meio da pesquisa realizada pelos alunos, como também, a possibilidade do letramento acadêmico na elaboração do trabalho.

A função de orientação vem sendo constituída no meu fazer acadêmico ao longo de 3 anos, primeiramente, em curso de licenciatura (Pedagogia) e, atualmente, incluindo cursos tecnológicos (Gestão Hospitalar, Gestão de Recursos Humanos, Gestão Pública e Marketing) e bacharelado (Administração). Ao longo destes anos foi crescente o investimento e a dedicação, no qual a experiência permitiu aprofundamento dos saberes no campo da pesquisa e na orientação de alunos.

No entanto, é importante reconhecer o aprendizado constante na interação com os alunos, cujas demandas geraram a busca de soluções frente a alguns impasses próprios da modalidade a distância. Metodologicamente, trabalhamos por um período de seis meses de acompanhamento dos alunos no último semestre de cada curso, tendo disponível uma sala de aula virtual para cada turma com recursos e ferramentas de um ambiente virtual de aprendizagem, tais como: e-mail; fórum; chat; tira dúvidas; espaço de postagem; biblioteca com material de apoio, e link de acesso à biblioteca virtual Pearson. As turmas têm número variado de alunos que pode ser de 3 até 25, mantendo uma média semestral de 10 turmas com um total de 30 a 40 orientandos. Este quantitativo tem demonstrado ser factível.

As ferramentas da sala de aula virtual são utilizadas, mas destaco o valor de cada postagem dos alunos em que este recebe um retorno detalhado das alterações e complementos necessários em seu texto. Desta forma, por exemplo, orientando cada aluno para que em seu texto construa a fundamentação teórica referenciada pelas obras consultadas e, assim, supere a situação mais comum do plágio, uma vez que desconhece as normas acadêmicas. Portanto, não se trata de penalizar o aluno pelo seu desconhecimento, mas sim, prepará-lo com o conhecimento necessário à produção do trabalho acadêmico. A forma utilizada para evolução desse conhecimento e aprendizado é a liberação constante do espaço de postagem, com detalhamento de correções e orientações. Neste sentido, o orientando

constrói, não somente, um espaço de diálogo com o orientador, mas também, conquista um espaço de domínio metodológico e epistemológico de pesquisa, bem como, a possibilidade de autoria do conhecimento produzido. Tal como afirma Pierre Lévy “trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos” (1999, p.157).

A produção em pesquisa no ensino superior se constitui em um espaço de tensão, pois, se por um lado é o importante lugar que inaugura a prática do texto acadêmico na formação profissional, por outro lado, aponta para todas as deficiências e limitações do estudante no percurso da aprendizagem, em particular, na autonomia de sua escrita. Esta tensão fica mais fortemente representada na relação entre orientador e orientando. Mas, o que dizer então quando esta relação acontece virtualmente? Quais impasses são formalizados no contexto da orientação a distância? De que forma enfrentar e superar os desafios próprios deste contexto?

Estas questões apontam para algumas das formulações que foram constituindo parâmetros de uma prática de orientação a distância para produção do TCC de alunos de licenciatura, bacharelado e cursos superiores de tecnologia.

Sabemos e acompanhamos as discussões sobre benefícios e desvantagens da educação a distância no ensino superior, e das tecnologias de informação e comunicação nas práticas pedagógicas. No entanto, enfrentar o desafio da produção escrita e do fazer pesquisa, nesse contexto, requer um patamar diferenciado de discussão e problematização.

O momento de produção do TCC, no caso em estudo, se realiza no último semestre de curso, no qual a maior parte das disciplinas já foi concluída restando somente àquelas finais ainda em curso. Deste modo, o aluno acumulou saberes provenientes de um conhecimento acadêmico que mobiliza ideias e conceitos que, por sua vez, auxilia no fluxo necessário à produção dos trabalhos e ao fazer pesquisa. Porém, isso não é suficiente, na medida em que o papel do orientador entra em ação, pois outros fluxos são combinados e compartilhados, e uma relação de confiança pode e deve se constituir.

Um dos termos mais importantes desta relação de confiança se firma pelo processo de letramento na produção escrita, em que tudo deve ser registrado para compreensão do aluno no que se refere aos equívocos

conceituais e, também, de organização, formatação e ortografia. Para todas as formas de comunicação do orientador é preciso ser claro, objetivo e detalhado. O uso de respostas padrão ou pré-definidas muito pouco contribui nesse processo, ainda que agilize e facilite o trabalho do orientador, pois, o resultado do trabalho final pode apresentar um distanciamento da autoria do texto e uma contribuição de conhecimento sem significação para o aluno.

Mas, além de estabelecer uma relação de confiança, é necessário desenvolver recursos que promovam interação e que facilitem o acesso dos alunos ao conjunto de ferramentas de trabalho. Vejamos:

A disponibilidade de materiais de apoio na biblioteca virtual é de grande valia, por exemplo: arquivo com instrução para normas de citação direta e indireta; modelos de formatação de Plano de Pesquisa e TCC (Monografia para cursos de bacharelado e de licenciatura e Estudo de Caso e Projeto de Produto para cursos de tecnólogos); lista bibliográfica sobre metodologia e temas específicos do curso. Manter este conjunto atualizado e lembrar aos alunos desta disponibilidade é parte permanente do processo.

Promover espaços de diálogo e/ou colaboração como, por exemplo: fórum tira dúvidas permanentes, chat em cada uma das etapas definidas na programação da disciplina TCC, envio frequente de e-mail. Estes espaços viabilizam uma prática dialógica e construtiva, no qual a interatividade é a ação integrativa das orientações.

Fazendo um parêntese, pois a interatividade é um conceito complexo e ambíguo que tem fomentado muitos debates, vejamos a visão de uma importante teórica:

“Também o conceito de interatividade carrega em si grande ambiguidade, oscilando entre um sentido mais preciso de virtualidade técnica e um sentido mais amplo de interação entre sujeitos, mediatizada pelas máquinas. Cabe perguntar que espécie de interação pode existir entre o sistema complexo que produz o jogo na internet e seus milhões de usuários jovens espalhados pelo mundo, ou mesmo entre estes últimos?” (BELLONI, M. L. 2002, p. 123).

Neste sentido, não estou tratando aqui senão com uma possibilidade de interação entre sujeitos que demandam um trabalho de produção fortemente amalgamado pelo conhecimento.

Um pouco antes, a autora explica em seu texto o seguinte:

Há que considerar, como fundamento dessa mediatização [técnica], os contextos, as características e demandas diferenciadas dos

estudantes que vão gerar leituras e aproveitamentos fortemente diversificados. (ibid, ibidem)

Afinal, não se pode esperar resultados semelhantes para sujeitos diversos que apropriam e evoluem diferentemente no conjunto das produções criativas e das relações constituídas.

Destaca-se, ainda, que o conceito de interatividade favorece o sentido de um professor como facilitador e mediador, e de um aluno como participante e construtor ativo, desenvolvendo o pensamento crítico e a capacidade de interpretação. Deste modo, podemos enunciar novos comportamentos que valorizam o relacionamento e a necessidade efetiva de construção do conhecimento, cujo aluno estabelece seu próprio ritmo de aprendizagem e o modo de adquiri-la.

O professor, por seu lado, saberá melhor respeitar o ritmo de aprendizagem e o estilo de desenvolvimento cognitivo de cada aluno, acompanhando-o sempre. Gerando, portanto, um campo de satisfação que favorece ainda mais a interatividade.

Outro ponto que tem relação direta e indireta com parágrafo acima é a redução do tempo de resposta ao aluno, seja em suas dúvidas seja na correção e orientação dos trabalhos postados. Reduzir o tempo de resposta ao aluno é muito importante para promoção e manutenção da atividade colaborativa, construindo, assim, um ritmo de trabalho e de produção escrita mais constante. Favorecer este apoio constante ao aluno, ainda que a escrita seja uma experiência muito individual e solitária, constitui uma ancoragem relacional e afetiva que produz efeitos de segurança e autonomia tão necessários nesse amadurecimento acadêmico.

Posso, então, afirmar que é por meio da colaboração que é construída a autonomia, mas essa aparente ambiguidade, na verdade é uma forma muito própria da relação professor-aluno, orientador-orientando, na educação a distância. Não posso afirmar que no ensino presencial seja diferente, mas essa característica é muito marcante no ensino a distância, cuja autonomia do aluno precisa ser construída e preservada em todas as situações e espaços de aprendizagem.

Até o momento destacamos alguns aspectos, são eles: relação de reciprocidade entre orientador-orientando; organização dos espaços virtuais;

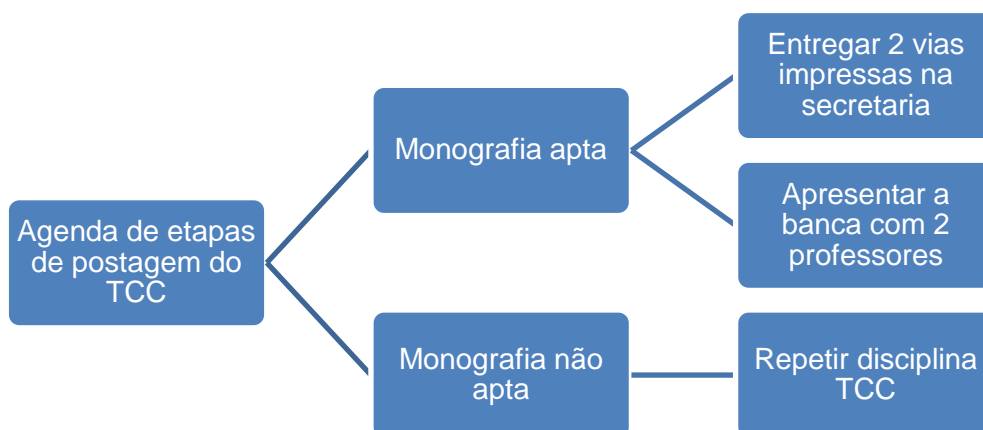
acompanhamento da aquisição/evolução do conhecimento; orientações sobre plágio e autoria de texto.

Cabe, ainda, observar o momento da escolha do tema e delimitação do objeto de estudo que é o início da produção, propriamente dita. A mobilização e preparação deste momento acontecem antes das orientações, quando o aluno cursa a disciplina de Metodologia da Pesquisa, normalmente no 3º período – variando um pouco de curso a curso. Entretanto, mesmo com este momento anterior, o aluno pode continuar com dificuldade de definição e muitas dúvidas.

Neste sentido, um diálogo já inicia por meio das ferramentas on line na sala de aula virtual, sendo importante conduzir separadamente, por cada aluno, dada a subjetividade das circunstâncias. As orientações irão procurar despertar o aluno para uma relação mais próxima que este tenha em sua prática, ou afinidade com alguma disciplina do curso que gera temática, ou um interesse particular sobre determinado assunto ou problema. Outra abordagem da orientação é sugerir que poste o Plano de Pesquisa, ainda que incompleto, pois viabiliza o retorno de uma primeira orientação e desencadeamento do processo. Lembrando, ainda, que na disciplina de Metodologia da Pesquisa um esboço do Plano de Pesquisa foi realizado, embora o aluno possa desistir deste tanto quanto o orientador pode solicitar alterações. Este projeto que será revisto no processo de orientação deve incluir o tema, o problema, a justificativa com revisão de literatura, os objetivos, a hipótese, a delimitação e os procedimentos metodológicos. Estes são elementos fundamentais para uma pesquisa, cuja “investigação é caracterizada por um conjunto de princípios e orientações para procedimentos e que está sujeito à avaliação em termos de validade, confiabilidade e representatividade”. (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 17).

Importante lembrar algumas rotinas do processo de orientação: orientando segue uma agenda com etapas de postagem até a finalização do TCC; a nota é definida pela Banca, que em caso extraordinário (aprovação em concurso, por exemplo), pode se constituir uma Banca Extra; no dia da EaD é organizado Jornada Científica, cujos alunos egressos são convidados a preparar/apresentar pôster de seus TCC's.

## Fluxo da Metodologia de Trabalho das Orientações



## Avaliação do TCC

A avaliação do TCC somente é efetivada quando o mesmo está considerado apto pelo orientador e será submetido à banca (constituída pelo orientador e mais um professor convidado) com a apresentação oral presencial do trabalho pelo aluno. Momento em que o aluno receberá uma ATA da apresentação com a nota ou considerações para alterações se necessário.

Portanto, trabalhamos com um modelo híbrido de avaliação, cujo processo de orientação se organiza virtualmente com as avaliações parciais, ainda que sem validação de nota, e a nota propriamente dita do TCC que é definida presencialmente pela banca.

Deste modo, ao longo da orientação, as etapas desenhadas conforme agenda de postagens são fornecidas avaliações parciais. Nas avaliações parciais, os orientandos recebem uma nota e um conjunto de anotações que orientam os ajustes necessários naquela parte que foi postada. Entretanto, todos os orientandos são informados que esta avaliação parcial não representa a nota do TCC.

Cada um destes momentos, de postagem e orientação, gera dúvidas que são encaminhadas pelos alunos por meio das ferramentas da sala de aula virtual (via: e-mail; fórum tira dúvidas, espaço tira dúvidas). Quando o aluno sinaliza que já cumpriu as correções e complementos necessários de acordo com as orientações, ele solicita por e-mail ao orientador para excluir a

postagem anterior e, deste modo, liberar espaço para uma nova postagem reformulada.

Não existe um limite de quantidade de reformulações a cada etapa, mas o que pode reduzir esta possibilidade é determinado pelo término da orientação com duração de seis meses. Outro fator determinante é quando o orientando não posta as etapas de produção e somente no prazo final posta o TCC completo. Entendemos que, deste modo, se configura uma não orientação, uma vez que as etapas de postagem não foram cumpridas tampouco o orientador pôde acompanhar o desenvolvimento da pesquisa do orientando e as reformulações não terão tempo de serem realizadas.

Por tudo isto esclarecido acima é que podemos considerar como sendo uma avaliação formativa, cuja definição de Mattar “é aquela que se realiza durante o curso, ou seja, não apenas em momentos estanques, no seu início ou final” (2014, p. 148). Muito embora a nota validada seja a definida em banca, mas as notas parciais balizam o progresso do orientando em relação ao melhor resultado que poderá ter no momento da banca. Neste sentido, estamos inseridos na ideia da avaliação formativa de preparação do aluno para o objetivo de aprendizagem a ser alcançado conforme explicitado a seguir.

Entendo a percepção de Mattar sobre design instrucional quando expressa que “objetivos de aprendizagem muito detalhados podem também engessar um curso, ou mesmo cumprir um papel meramente burocrático” (ibidem, p. 63), no entanto, no caso da orientação de TCC é muito importante assegurar o objetivo geral de desenvolver a produção escrita com qualidade e critérios acadêmicos. A forma possível de não ‘engessar’, uma vez que objetivos de aprendizagem tem relação direta com a avaliação, é a flexibilidade de prazos e o permanente diálogo nas orientações. Não negligenciando de forma nenhuma “uma característica essencial da pesquisa é que ela deve objetivar o avanço do conhecimento” (MOREIRA, H; CALEFFE, L. G., 2008, p. 18), de modo a garantir um processo progressivo de interpretações, orientações e métodos para ser atingido o conhecimento.

Na avaliação o maior desafio tem sido o plágio, problema este que não se restringe ao ensino a distância, pois trata-se de uma realidade e forte preocupação entre professores de diferentes níveis de ensino e modalidades de aprendizagem. Concordo com a afirmação de Mattar de que “a maior parte dos



plágios, por parte de alunos, ocorre como resultado da ignorância das regras de citação, não sendo em geral uma atitude intencional” (2007, p. 115).

Se a preocupação do plágio procede para trabalhos em geral o que não dizer, então, em relação ao TCC que requer uma produção criativa encerrando o currículo da formação profissional. Nas palavras de Pedro Demo, a valorização do TCC como integralização curricular “seria teste maior de capacidade de elaboração própria, na qual se demonstre domínio teórico-metodológico, bem como condição de realização prática e empírica” (2000, p. 103). Desta forma, o olhar atento do orientador em relação ao plágio é fator extremamente relevante, não somente para verificação dos trabalhos postados utilizando programas antiplágio, mas, principalmente, para instrumentalizar os orientandos sobre formas de citação e abordagem do conhecimento.

Entendo, assim como Demo, que “o importante é compreender que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa” (ibidem, p. 51). Garantir critérios rigorosos na pesquisa é fundamental. Os critérios são definidos pela academia e garantidos pelos professores, seja qual for a modalidade de ensino, os critérios estarão presentes e cabe ao professor operar com estes.

A defesa da pesquisa no ensino superior na modalidade a distância deve ser entendida como uma necessidade de rigor científico sem precedentes, cujo professor-orientador deve cuidar das necessidades de seus orientandos em relação às deficiências e a ausência de conhecimento dos critérios de rigor científico. A pesquisa que permite busca do conhecimento para produção de conhecimentos, entendendo que, “na descoberta criou-se conhecimento novo, não realidade nova, embora a partir daí se possa inventar usos novos do conhecimento” (ibidem, p. 29).

É no conjunto que se transforma o processo de ensino-aprendizagem, com elementos tais como vimos: a busca de conhecimentos; os critérios científicos da produção escrita; a pesquisa orientada e o produto TCC.

## **Concluindo**

Finalizando, é necessário ir adiante nesta reflexão sobre pesquisa e produção do conhecimento em direção a questões práticas, tais como: valorizar

o conhecimento mais ligado a experiências concretas de cada aluno; ofertar oficinas de produção textual; publicizar trabalhos concluídos no site da instituição de ensino; incentivar a publicação de bons trabalhos em periódicos.

Nos itens sugeridos acima distinguimos dois contextos, que são: 1) contexto acadêmico-institucional, que compreende ações de coordenação de curso tratando-se de publicação em site institucional e incentivo de grupos de pesquisa para encaminhamento de trabalhos em periódicos; 2) contexto acadêmico-pedagógico, que compreende a oferta de oficinas de produção textual e a prática de valorização do conhecimento e experiência prévios do aluno.

Estes são desdobramentos possíveis conforme evolui a qualidade do trabalho institucional, apoiado em orientações criteriosas, que, por sua vez, avança no sentido do letramento acadêmico e das práticas de pesquisa contribuindo para a produção do conhecimento.

Considerando que, numa abordagem de Moran, Masetto e Behrens (2000) defendem o princípio de que: Somente podemos educar para a autonomia, para a liberdade, com processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeitem as diferenças, que incentivem, que apoiem orientados por pessoas e organizações livres.

## **Referências**

- BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. In: Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002, pp. 117-142.
- DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- LÉVY, P. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 1999.
- MAIA, Carmem e MATTAR, João. ABC da EaD. 1. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.
- MATTAR, João. Design Instrucional: educação a distância na prática. 1. ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2014.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.
- MOREIRA, H; CALEFFE, L. G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.